

Cantando as Culturas Indígenas

AS COMUNIDADES INDÍGENAS:

KARIRI-XOCÓ
PANKARARU
XUKURU-KARIRI
PATAXÓ HÃHÃHÃE
TUMBALALÁ
TUPINAMBÁ

APRESENTAM:

"Cantando as Culturas Indígenas"

da coleção: Índios na Visão dos Índios

THYDÊWÁ

2013

As comunidades indígenas participantes são os verdadeiros autores destes materiais aqui apresentados. Destacamos o protagonismo responsável de: Nhenety Kariri-Xocó; Tânia Xukuru-Kariri; Suzana, Elisa, Maria e Atiã Pankararu; Cícero e Cecília Tumbalalá; Paulo e Wilman Pataxó Hãhãhãe; Jamopoty, Acauã, Pedrisa e Rômulo Tupinambá de Olivença.

Este trabalho é fruto da parceria entre as comunidades indígenas participantes e a ONG Thydêwá que, entre 2003 e 2005, contaram com a colaboração de Ricardo Pamfilio de Sousa, Sebastián Gerlic, Yakuy Tupinambá, Paula Castagnet, Erimita Motta, Luís Henrique Moreira, Nico Czajca e Davi Pita que, com o apoio do BNDES, produziram uma primeira versão piloto com 100 copias.

Em 2008 a ONG Thydêwá através de edital público do CAPEMA, programa do Ministério da Educação, aprova o material piloto para realizar uma edição atualizada, com tiragem de 1.000 exemplares. Esta edição é fruto da cooperação dos indígenas das etnias participantes com a ONG Thydêwá e equipe: Helder Câmara Jr., TAO, Tais Nader, Gabi de Mello, Potyra Tê Tupinambá, Karine Pereira dos Santos e Sebastián Gerlic. Em 2013 se viabiliza esta impressão; que contou também com o apoio do Pontão de Cultura Viva: "Esperança da Terra".

Quem usar estes materiais deve citar o nome completo do livro e dar créditos a seu/s autor/es. Os indígenas que quiserem usar conteúdos deste livro com fins educacionais, fiquem à vontade!

Maiores informações: www.thydewa.org - contatos@thydewa.org

FICHA CATALOGRÁFICA

B000i Gerlic, Sebastián. Cantando as Culturas Indígenas. Coordenação Geral de Educação Escolar Indígena, 2012. 44p (Coleção Índios na Visão dos Índios), v. 18)

ISBN – 978-85-7758-157-3

1. Cultura Indígena 2. Educação Indígena 3. Educação Diferenciada

CDU 000.0:000.5

"Cantando as Culturas Indígenas"

"Cantar é a cultura do nosso povo"

Criança Kariri-Xocó

"O canto para nós é vida"

Professora Tânia Xukuru-Kariri

"O professor ou a professora da Educação Escolar Indígena é quem aprende, quem mostra e quem lembra. Existimos, hoje, graças aos nossos ancestrais, logo, devemos cantar para a tradição continuar.

Os jesuítas, o poder do Clero, da Monarquia, das Forças Armadas, dos Governos, entre outros, tiraram parte da cultura indígena do Nordeste, através da imposição de leis e da educação.
Agora, através da Nossa Educação, nós vamos resgatá-la.

Nós somos os construtores e construtoras da educação que queremos para nossos descendentes.
Devemos cantar e gravar para que os jovens ouçam, cantem e dancem.
É cantando que se aprende a viver!"

Nhenety Kariri-Xocó

"Cantando as Culturas Indígenas"

Nós, indígenas do Nordeste, temos muito em comum em nossas tradições. As invasões e os massacres começaram pelo Nordeste e, por isso, temos a força e a inteligência da resistência em nossas culturas. Muitas etnias foram agrupadas pela Igreja em aldeamentos multiétnicos, tanto para roubar as terras como para facilitar o domínio. Entre as seis etnias que fazem parte deste trabalho, podemos perceber as seguintes expressões musicais: Toré, Porancy e os Toantes.
Tradicionalmente, os cantos indígenas pulsam nas comunidades mantendo vivas nossas culturas. Os invasores tentaram nos silenciar. Tentaram exterminar todos os povos indígenas, mas resistimos, também, através dos cantos.

Na musicalidade de cada povo vive a memória de cada identidade.

Nos dias de hoje, para muitas comunidades do Nordeste, o cantar mantém viva a chama das culturas. Os cantos são canais de afirmação e de revitalização. Os cantos são também canais pedagógicos para essas comunidades e para a luta pelos direitos coletivos dos povos tradicionais.

Os cantos funcionam para comemorar e traduzir fatos históricos, pontos geográficos, animais das florestas e a vida indígena, em sua essência. Os cantos são praticados por pessoas de todas as idades: da criança ao ancião. Podemos observar que os cantos falam dos pássaros, da dor, do sofrimento, dos louvores à espiritualidade e dos ritos, comemorando os momentos mais importantes dos povos, como festas, aniversários, casamentos, mutirões, colheitas, caçadas...
Nesta cartilha, partilhamos reflexões da dimensão pedagógica dos cantos. Aqui, professoras e professores indígenas, dividem conteúdos ricos da sabedoria tradicional através de nossa criatividade e metodologia de ensino.

Os cantos são excelentes canais do ensino diferenciado, com repertório, muitas vezes bilíngue, de uma língua não mais falada. Na arte musical do Toré, do Porancy ou dos Toantes, ao cantarmos no dialeto nativo, estamos fortalecendo a cultura indígena. Atravessamos os tempos da história chegando aos dias atuais com uma força de afirmação étnica e de reconhecimento de nossos direitos sobre as nossas terras, educação e saúde diante do Estado Brasileiro.

Neste trabalho, muitos cantos estão no idioma nativo de dois troncos lingüísticos, Tupi e Macro-Jê, mas é comum encontrar as músicas indígenas na língua portuguesa, resultado da presença da Companhia de Jesus no Nordeste, que proibia as práticas culturais dos povos das Américas.

De primeiro, os cantos eram praticados na Natureza, depois nas aldeias e nas roças; hoje, são praticados também nas salas e nos pátios das escolas indígenas.

Os professores e os alunos estão mudando o ensino indígena, valorizando anciões, adultos e mestres cantadores de Toré, Toantes e Porancy, uma resistência na qual os antepassados indígenas, primeiros habitantes desta terra, estão presentes.

Encontrar povos indígenas com essas tradições de Toré, Toantes e Porancy merece nossa especial atenção. Os índios são grandes heróis da resistência, morando em comunidades e resguardando áreas de Mata Atlântica, Caatinga e outros tipos de florestas.

Muitos povos ainda estão buscando o reconhecimento de suas terras ou parte de seus territórios roubados, muitos destes que já foram até transformados em cidades.

Fazendo este livro com CD "Cantando as Culturas Indígenas" estamos colaborando na preservação dos nossos Patrimônios e do Patrimônio Cultural da Humanidade. Estamos, inclusive, partilhando material didático necessário às escolas das aldeias de hoje.

Os cantos indígenas demonstram várias fases da presença nativa ao longo da história, seja anterior à colonização ou a partir da evangelização feita pelos jesuítas, no período da implantação da criação de gado no Vale do Rio São Francisco e, mais tarde, dos ciclos da cana de açúcar nos engenhos. O Porancy, os Toantes e o Toré também expressam os fenômenos naturais, como a chegada das chuvas, as colheitas, até o agradecimento aos Deuses pela fartura. São registros históricos socioculturais dos indígenas na vida da Mãe Terra, perpetuados musicalmente.

Nhenety Kariri-Xocó (outubro de 2012)

KARIRI-XOCÓ

No CD	página
1ª Heia Hê Heia Heá!	11
2ª O cocar é minha casa	11
3ª Fita verde	11
4ª Gosto de cantar	11
5ª No pé do Cruzeiro jurema	11
6ª Juazeiro Verde	12
7ª Ninho Nu Wonhé (Índio quer cantar)	12
8ª Lá lá i rá cabelo da terra pequena (Olé lê)	12
9ª Para cima do sertão (Dona Tereza)	12
10ª Boywyró (Vamos embora)	12

PANKARARU

11ª Passarinho	15
12ª *Tava* nas Matas	15
13ª No caminho da Serrinha	16
14ª Papagaio Verde Amarelo	16

XUCURU-KARIRI

15ª Boa Noite meus Parentes	24
16ª Fita verde	23
17ª Nós viemos de Aruanda	24
18ª Heiahá, Heihi	24

TUMBALALÁ

19ª Cadê meu qüaiquí ? 26
20ª Cadê meu maracá ? 26
21ª Eu sou é um índio e eu trabalho é no ar! 26
22ª Trupela, Trupela, Trupela, Trupela 28
23ª Passarinho Verde saia das matas 29
24ª Na minha aldeia têm têm têm. 29
25ª Quando no pé do Cruzeiro. 29
26ª Adeus, adeus, adeus que eu me vou. 29

PATAXÓ HÃHÃHÃE

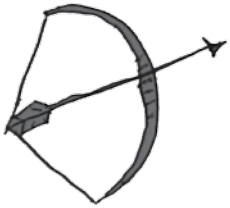
27ª Na minha aldeia tem belezas 35
28ª Tihís Pataxó Hãhãhãe 35
29ª Eu sento na Bawái 35
30ª A saia é de *paia*, capacete é de penacho 35
31ª Meu papagaio seu canto é bonito e veio tão lindo do lado de lá! 35

TUPINAMBÁ

32ª Jacy aiandê Jacy 38
33ª Ixé axó pé ubí Tupã. 39
34ª Maré encheu, tornou vazar 41
35ª Tem um muzuá pra *mim* olhar 42
36ª Tupinambá abecoabe 42
37ª Quando eu chego em Olivença pra lutar por nossas terras. 43

FAIXAS EXTRAS

38 - TORÉ KARIRI XOCÓ
39 - TOANTE PANKARARU







A Aldeia

Nossa tribo está localizada no município de Porto Real do Colégio, sul do estado de Alagoas, na região do baixo São Francisco. Temos 750 famílias, de várias etnias, entre elas, a Kariri-Xocó, com uma organização social estruturada com Lideranças, Caciques, Pajés, Conselho Tribal, Chefes de Família, Chefes de Casa e a Comunidade. Além desta aldeia temos outra que fica há 6 km, na Mata do Ouricuri, onde o grupo se desloca para o ritual religioso. Ainda temos um Posto de Saúde, uma Estação de Tratamento de Água, Sanitários em todas as casas e, em frente à Aldeia, no porto, canoas de pescadores.

Os Cantos e Danças do Toré

Os cantos representam os fenômenos culturais e sociais, em que os pássaros, animais e sentimentos são citados como uma vivência ocorrida, num determinado momento.

O termo Toré provém do Tupi, instrumento de sopro usado no canto.

As músicas contemplam temas variados como a chegada da chuva, a despedida, a resistência, a colheita e a força da fé.

As danças são os movimentos desses fenômenos, num mundo tribal, onde a Terra é a base de tudo, com seu ritmo, forma circular e ondular, na qual homens e mulheres, de todas as idades, participam da união entre Povo, Natureza e Ser Superior.

Cada canto e dança registra um foco da cultura, agradecimento, esperança e segurança grupal, trazidos através dos cantos do Toré, do mutirão ou rojão e dos cantos domésticos.



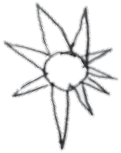
+ info: www.thydewa.org/rojao



DANÇA CIRCULAR



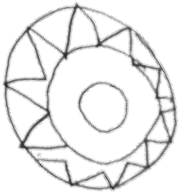
A forma de dançar o canto acompanha os movimentos dos fenômenos, a estrutura arredondada da Terra, do Sol e da Lua. Com as mãos dadas no Toré temos a união grupal pela tradição, pisando no solo sagrado com pingos de suor, no esforço coletivo de afirmação étnica Kariri-Xocó.



A vida é um círculo naquele momento marcado pelas pessoas presentes e a tradição educativa será continuada no futuro por outros índios da tribo. O cenário será outro pelo quadro conjuntural, mas os princípios indígenas vêm de uma tradição milenar.

Cantar e dançar por prazer, lazer e espiritualidade.





O QUE O CANTO TRAZ

Para haver um Toré, é necessário ter um motivo de alegria. Na agricultura, por exemplo, os agricultores, aprenderam a atividade com outras pessoas da tribo, mas ele só será reconhecido pelo grupo, quando plantar, cuidar da lavoura e pedir as bênçãos do Deus Criador, para ter uma boa colheita e apresentar no Toré, o milho bonito e saudável. Grande é o agricultor, além de ser um bom chefe de casa, é também uma pessoa dedicada à sua religião em pedir a chuva, além de presentear o grupo do Toré para comprovar a tradição perante a tribo. O canto atesta o sucesso de qualquer atividade cultural, artesanato, cerâmica, caça e pesca, sendo como a esperança, como o diploma para aquela vocação exercida. Cantar Toré começa até mesmo antes de nascer, porque a gestante com a criança no ventre passa ao filho as emoções para o futuro componente tribal. Após o nascimento existe um Toré anunciando o novo membro da Tribo que receberá um nome e será reconhecido socialmente pelos parentes com uma dança. Portanto, a música está presente em todo acontecimento, constituindo o mundo cultural indígena, veículo expressivo e comunicativo.



OBJETOS DO CANTO

Temos o maracá, instrumento de cuité, que inicia o ritmo do canto e o búzio, uma trombeta de facheiro, que marca a cadência do som. Os dois elementos são produzidos segundo o modelo cultural pelo artesão para esta finalidade musical.

A ESCOLA

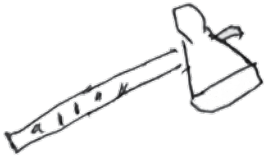


Temos dois prédios, ambos levam o nome de Escola Pajé Francisco Queiroz Suira, em homenagem a uma antiga liderança que assumiu o posto de pajé com apenas 16 anos de idade e governou o grupo Kariri-Xocó durante 64 anos. Porém, a escola indígena não equivale só aos prédios. O quadro é o cenário natural, onde os animais, plantas e o rio são reais, vivos, fazendo parte da tradição.

O Toré traz o relato desses eventos, no tempo e no espaço.





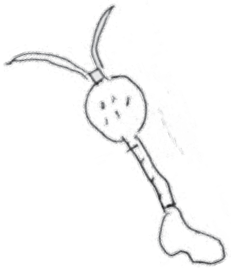


O QUE A SOCIEDADE NACIONAL CHAMA EDUCAÇÃO, NÓS CHAMAMOS TRADIÇÃO!

Os velhos e os adultos são espelhos no desenvolvimento do estilo de cantar e dançar o Toré.

O Toré, pela beleza, fortaleza e proteção que existe na música indígena, abrange o mundo cultural da tribo. Porque aquele estilo observado pela criança quando o adulto canta, harmoniza o grupo, dando alegria, pela boa colheita do feijão, pela boa caçada ou pescaria.

É o canto do Toré que simboliza a alegria do dever cumprido, por seguir uma tradição onde todos comemoram que a tribo está viva enquanto povo. O pescador que empreendeu uma boa pescaria oferece no Toré o produto do seu trabalho. Neste momento, todos os presentes comem agradecendo a pessoa abençoada pela tradição da pesca, que aprendeu com dedicação e vocação e a tribo se beneficiou e assim foi comprovada sua atividade na cultura.



EIA ! EIAÁ

Eiaê! Eiaá!

O COCAR É MINHA CASA

O cocar é minha casa
A maracá meu coração
A xanduca um instrumento
Um instrumento de união
Ou lei lá rá
A reiá ráá

Quando o índio viaja fora da aldeia, o cocar é o seu abrigo, o maracá, bate com o seu coração. Ele acende o cachimbo (Xanduca) que atrai índios de sua tribo e de outras tribos para uma união.

FITA VERDE

Minha gente venham ver.
Os *caboco* como *canta*!
Com um lacinho de fita verde,
Amarrado na garganta
Ou lei lá rá
A reiá rá

O índio, o *caboco* do Nordeste, não fala mais a língua materna, mas ainda temos o canto. Através do Toré, nossos antigos se comunicavam. Nós fomos obrigados a falar português e aceitar a língua do colonizador representa na letra do Toré o laço de fita verde amarrado na garganta.

GOSTO DE CANTAR

Estou cantando o meu Toré
Porque, eu gosto de cantar!

TORÉ NO PÉ CRUZEIRO JUREMA

Lá no pé do Cruzeiro Jurema
Eu danço com o meu maracá na mão
Pedindo a Jesus Cristo
Com Cristo no meu coração
Hááá
Eeia rá reiá
A reiá reiá rá

Quando os jesuítas chegaram na tribo, colocaram um cruzeiro de jurema e catequizaram os índios na cultura cristã, mas o índio já cantava a sua tradição com o seu maracá e Jesus Cristo ficou em seu coração.

JUAZEIRO VERDE

Cadê Juazeiro verde
Tão verde na baixa vertente
Tão verde na baixa verde
A mará (é ruim)
Ai pá (derrubar a árvore)

O juazeiro é a esperança, o descanso. É uma árvore que tem raízes profundas na terra, mas se cortar o juazeiro, as fontes das nascentes fazem o rio secar. O branco escravizou o índio levando-o para o engenho de cana-de-açúcar. O índio foi embora, mas com a esperança de ver o Juazeiro um dia.

NINHO NU WONHÉ (ÍNDIO QUER CANTAR)

Índio, índio quer cantar
O baiano quer dançar Bis
Me respondeu a Cauã
O passarinho *tá* chamando - Bis

O índio gosta de cantar Toré. Na luta, encontrou o negro da Bahia que dançava muito o jogo de pernas. Naquele momento, o pássaro Cauã cantou e eles entenderam que o pássaro mandou o negro e o índio unirem-se na luta.

Olé lê ... Lá lá i rá (Pequeno cabelo da terra)

Para cima do Sertão (Dona Tereza)
Boywyró (vamos embora) Bora girar!
Dona Sereia eu vou me embora
Boywyró (vamos embora) Bora girar!

PANKARARU

Cantando e vivendo a cultura Pankararu Atiã e Suzana Pankararu

Nosso território está localizado no Nordeste brasileiro, nos municípios de Petrolândia, Tacaratu e Jatobá, no alto sertão pernambucano. Antigamente, nosso povo vivia às margens do Rio São Francisco, porém, nossas melhores terras foram roubadas e, hoje, parte de nosso território está invadido por não índios.

A população soma cerca de 8.000 indígenas, vivendo em 14.290 hectares de terra e estamos em processo de retirada dos posseiros para usufruto exclusivo Pankararu.

Nosso território é entrecortado por montanhas e serras com formatos significativos, diferentes e emblemáticos desenhos em pedras e, quando chove, a natureza apresenta-se exuberante e bela. Há algumas nascentes de águas cristalinas que abastecem uma parte da comunidade.

Porém, a má distribuição dessa água por meio de canalizações feitas aleatoriamente, o aumento do consumo em decorrência do aumento da população e, associado a tudo isso, o desmatamento local, regional e mundial, tornam a água de nossa comunidade cada dia mais escassa. As nascentes vêm secando pouco a pouco e a nossa natureza, um presente recebido do nosso Pai Tupã, vai perdendo a beleza.

Para nosso povo, a cultura Pankararu é uma grande riqueza. É a nossa memória, a nossa história, é o que nos identifica e nos fortalece etnicamente.

Temos muitos rituais e festas. Uns acontecem durante todo o ano, outros têm um período específico para realização.

No final do ano, é tempo do imbuzeiro ficar carregado de imbu e, também, é tempo de darmos início a um desses rituais: A CORRIDA DO IMBU.

Quando alguém da comunidade encontra o primeiro imbu maduro deve levá-lo para o terreiro do "Poente" para dar início a essa festa tradicional. Esse ritual é passado de geração a geração, sendo uma grande marca da cultura Pankararu.

A notícia sobre o primeiro imbu maduro achado corre por toda a nação Pankararu e, assim, o

povo está convidado a participar do seu flechamento. Para nosso povo é essencial flechar o primeiro imbu maduro para assegurar que a safra daquele ano seja farta e sadia, ou seja, não termos os frutos bichados.

Ao som da gaita e do rabo de tatu, começa a realização da festa: O FLECHAMENTO DO IMBU.

Logo pela manhã, todos vão ao terreiro do "Poente" para ver os Praiás dançarem. Depois, à tarde, todos vão para o terreiro do "Nascente" onde acontece o flechamento do imbu, propriamente dito e o PUXAMENTO DO CIPÓ, outra parte do ritual realizado no final da tarde, encerrando um dia de danças e marcando a primeira etapa de um grande e importante ritual Pankararu, que é a Corrida do Imbu. Este ritual só é realizado quando podemos encontrar os imbus maduros em abundância para a realização da festa.

No Puxamento do Cipó, todos aqueles que estão no terreiro se organizam, formando duas fileiras que se opõem, sendo uma para o lado do nascente e a outra do lado poente, segurando o cipó. Cada grupo tenta puxá-lo para seu lado com muita força até que um deles consiga dominar o cipó para o seu lado. A depender do lado vencedor, o ano poderá ser de muita ou pouca fartura ou até mesmo um meio termo, caso os dois lados pareçam equilibrados.

O Flechamento do Imbu e o Puxamento do Cipó expressam o desejo coletivo de um ano vindouro com paz, saúde e alimento para toda comunidade.

Para o povo Pankararu, trabalhar a "ciência do cipó" é muito importante para a valorização, cada vez maior da nossa cultura indígena. É também uma forma de realizarmos a CIÊNCIA em atividades. Atividades essas representadas nas danças dos Praiás que, por sua vez, representam os Encantos de Caroá.

Isso, para nós, revela a importância de passar um pouco mais sobre a nossa cultura. Nossa ciência é trabalhada na oralidade e agora também na escrita e mais fortemente, na vivência da comunidade.

É muito gratificante poder falar sobre a cultura indígena Pankararu.

É uma alegria realizamos nossas festas, nossas danças, o nosso Toré, onde todos podem participar e valorizar cada vez mais nossas tradições.

A IMPORTÂNCIA DO TORÉ

O som do Toré faz com que os índios vibrem pelas graças concebidas por Tupã (Deus).
Para nós índios, participar de um Toré é muito gratificante. Podemos soltar a voz que está dentro de nós.
Dançar o Toré é a forma mais concreta de agradecer a Tupã. A dança também nos passa o poder da presença de Tupã. É uma forma de comunicar-se com Tupã.
O Toré tem vários significados e interpretações. Suas letras nos revelam mistérios. Os significados de suas letras falam da mãe natureza, dos pássaros, dos segredos religiosos e dos sentimentos tristes e alegres.
A pintura corporal é símbolo fundamental e desejado em nossas danças.
É através da fumaça do campiô (cachimbo) que agradecemos uma graça concebida para aqueles que acreditam na força do campiô para curar as pessoas. A fé indígena é grandiosa e rica, pois mostra o quanto é importante o Toré na vida das pessoas.

Passarinho *tá* cantando.
Oi passarinho *tá* cantando!
Mas oi passarinho. Heinahá!
Passarinho do Tamarindo. Heinahá!
Mas oi passarinho. Heinahá!
Não nege nada a mim. Heinahá!
Passarinho do bebedor. Heinahá!
Passarinho do Tamarindo. Heinahá!
Passarinho do pé do milho! Heinahá!
Um canta papo cheio. Heinahá!
Outro papo vazio. Heinahá!
Valei mais Tupã....

Estava nas matas, estava nas matas
Tirando mel, tirando mel.
Mas oh, quem chegou? Os Pankararu!
Mas oh, quem chegou? Os Pankararu!
Mas quem *tá* cantando? Os Pankararu!
Mas quem *tá* cantando? Os Pankararu!
Mas quem *tá* pisando? Os Pankararu!
Mas quem *tá* pisando? Os Pankararu!
Mas quem *tá* dançando? Os Pankararu!
Mas quem *tá* dançando? Os Pankararu!

No caminho da Serrinha.
Eu mandei foi ladrilhar.
Com ouro e prata fina.
Para os encantos passar

"No Caminho da Serrinha" é um Toante que nos fala dos nossos encantos de luz, da fé e do valor que os Praiás têm pra nós.
A Serrinha é uma localidade de nosso Território, que leva esse nome por causa da sua localização geográfica. Este Toante é um exemplo de como podemos trabalhar também a geografia com as nossas serras, nossos rios, nosso solo e toda a vida da aldeia. As crianças fazem os seus comentários, escrevem e desenham.
Cantar e dançar é uma forma de reforçar nossas tradições. É preservar, de fato, por que a criança tem uma memória boa e consegue fazer uma interpretação rápida e coerente com a nossa realidade.

Papagaio Verde amarelo que cantou em cima da serra
(Batam palmas e dêem vivas! Os *caboco* estão na terra!)



Nossos saberes, nossos cantos

Elisa Pankararu

Ao fazer menção à educação indígena, nos referimos aos ensinamentos que são passados pela família, considerando sempre os saberes dos mais velhos, uma vez que estes são os sábios da aldeia, os detentores dos saberes tradicionais.

E, para o Povo Pankararu, esses saberes são traduzidos através de várias expressões. O canto é uma das mais completas, que faz conexões com diversos contextos. Podemos afirmar que os Toantes indígenas vêm sendo passados pelos nossos antepassados e vivem, através dos tempos, na memória de todos nós.

Nossos antepassados traduziram nossa história através dos Toantes. Eles nos deixaram saberes sobre todos os assuntos. Cantaram a natureza, a geografia, as pessoas, as histórias, as lendas, as curas e deixaram vivos na memória de cada geração.

Os cantos fazem parte de diferentes momentos. Toantes e Torés são saberes e memória. O espaço da escola sistematiza saberes, o fazer pedagógico indígena tem os Toantes também presentes nessas construções de aprendizagens.

O cotidiano na escola indígena é dinâmico e tem nossa cultura presente. Na comunidade, vários são os tempos e espaços de aprender e ensinar: a ida para o roçado, as feiras, a confecção de artesanato, os terreiros e os momentos de rituais sagrados, o hábito de contar história, as fontes e toda uma relação com os diversos elementos da natureza.

A escola é um desses espaços, por isso, deve ser específica, diferenciada, intercultural e bilíngüe. Podemos dizer que as partes dos Torés apresentados em português, têm muita relação com os elementos da natureza, valorizam as expressões locais e preservam a memória. E se cantados no linguajar dos nossos antepassados, há uma resposta de entendimento e comunicação. Assim, se a escola faz parte do projeto societário, tem a missão de fortalecer a cultura, entender a ciência do seu Povo e a comunicação através dos cantos na sua diversidade de significados. Principalmente, saber fazer associação com demais elementos da nossa cultura.

As tecnologias e a modernidade, com todo seu fervor e rapidez, não atingiram os saberes tradicionais a ponto de ficarem perdidos no tempo. Isso é resistência. Adultos, jovens e crianças cantam e dançam o Toré, que está na memória da população, está presente no dia-a-dia das aldeias, está em nossas mentes e corações. É o que perpetua a nossa existência e nos faz seres Pankararu.

Maria Pankararu

Somos musicais

Nós, Pankararu, somos essencialmente musicais. A musicalidade está presente em cada manifestação cultural, seja ela motivada por alegria, por fé, saudade ou mesmo pelo puro prazer de cantar e dançar em agradecimento à vida.

Nossos Toantes são o elo entre o passado e o presente, o real e o imaginário Pankararu. Trata-se de uma força extraordinária que reflete parte de nossas crenças, nossos valores, nosso sagrado.

Eles são repassados de geração para geração e são cantados seguindo regras culturais.

Crianças, velhos e jovens sentem-se regozijados quando embalados ao som do maracá, da gaita que nos chama para mais um ritual, pelo som do rabo de tatu quando realizamos a "Corrida do Imbu", pelos nossos cantadores e cantadoras que, inspirados, entoam lindamente cada Toante.

Eles nos convocam a partilhar dessa energia ao cantar. Todos nós ficamos fascinados, plenos em fé, em sintonia com o sagrado, com a natureza e tudo dela que não se pode revelar.

Cantar, dançar um Toré, um Toante, é um modo de fortalecer nossos laços porque todos somos impulsionados por uma vibração singular de alegria, de pertença étnica, de sermos nós mesmos, os Pankararu!



+ info: www.thydewa.org/toantes

XUCURU-KARIRI

Tânia Xucuru-Kariri

Para nós, o Toré é uma das principais formas de comunicação dos povos indígenas, tanto com Deus-Natureza quanto com a humanidade. O canto é a principal manifestação pública reveladora de nossa identidade.

Cantando é a nossa maneira de dizermos "estamos aqui". Sobrevivemos e nada vai nos calar! A cada canto nos tornamos mais fortes para continuar cantando nossas culturas e buscando nossos direitos para vivermos com dignidade.

Durante milênios, vivemos felizes até chegarem as invasões. Vivemos 500 anos de massacres e perdas irreparáveis como a da nossa língua indígena. Resistimos e, agora, nada vai impedir de continuarmos vivendo por outros muitos milênios, felizes e em paz!

O povo Xucuru-Kariri vem da união de duas etnias - Xucuru e Kariri - através de casamentos. Meu povo Xucuru-Kariri vive no município de Palmeira dos Índios, no estado de Alagoas.

Devido ao crescimento da população, nossa terra tornou-se pouca. Nosso povo vive em 07 comunidades: Aldeia Fazenda Couto, Aldeia Mata da Cafurna, Aldeia Cafurna de Baixo, Aldeia Coité, Aldeia Capela, Aldeia Boqueirão e Aldeia Amaro.

Somos, aproximadamente, 500 famílias aldeadas e 500 que vivem fora das aldeias, na periferia da cidade porque, atualmente, temos pouca terra e as condições para sobreviver nela, também são poucas. Nas aldeias, parte das famílias sobrevive de artesanato e alguns índios são funcionários públicos, outros aposentados, e outros vivem da agricultura. Para consumo próprio e também comercializar dentro e fora da aldeia, plantamos: banana, batata doce e macaxeira, da qual fazemos a farinha, outro produto Xucuru-Kariri. Vendemos nossos produtos em Palmeira dos Índios e circunvizinhança. Mas o artesanato não é valorizado pelos palmeirenses, o que leva os artesões a viajarem para Maceió e outras capitais como Salvador, Recife, João Pessoa, etc.

Fora da aldeia, fazemos palestras nas escolas para falar sobre nossa história, nossa forma de organização de vida e visão de mundo.

O ARTESANATO

É feito de sementes, madeira, palha de ouricuri, bambu e outros materiais, dependendo da generosidade do meio ambiente. Confeccionamos pulseira, brinco, anel, tanga, bustiê, lança, zarabatana, xanduca, arco e flecha, oca, cantil, xixiá (maracá), tacape, pauzinho de cabelo, colares, cocar e outros, de acordo com a criatividade do artesão. E os estudantes são os que mais compram o nosso artesanato.

A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

A aprendizagem vai acontecendo conforme as necessidades e dificuldades, a partir de pesquisas e experiências que, com certeza, ajudarão nossos alunos a terem uma visão mais crítica sobre qualquer assunto.

As crianças trazem para a sala de aula tudo que é interessante para elas. É prazeroso e gratificante participar do entusiasmo do aluno e, para isto, basta valorizar os seus conhecimentos.

Pergunto: - Que tipo de artesanato seu pai faz?
Ele responde: - Cocar, cabaça, colar, brinco, lança...

Fazemos uma lista com os nomes dos artefatos e começamos a explorar letras e sílabas. Aproveito o material usado na confecção e formulo algumas questões:- Onde se busca? Como se faz? Será que seu pai pode vir aqui fazer uma peça com a gente?

No final da aula, vamos todos para a casa da criança convidar o pai, assim, ela sente-se orgulhosa e feliz.

Os trabalhos de pesquisa são fundamentais, principalmente fora da escola. Levo meus alunos às outras comunidades, inclusive, de outras etnias.

A experiência de alfabetização no primeiro semestre tem o objetivo de levar a criança a aprender a ler e conhecer o alfabeto usando os cantos do Toré.

Uma das práticas do ensino diferenciado é escrever a letra de um Toré conhecido por eles. Cantamos o Toré, frase por frase, e exploramos palavra por palavra, falando sempre o nome de cada letra e cantando sempre o som da sílaba. Dessa forma, as letras que se encontram no texto do Toré são exploradas através de frases em trabalhos de grupo. Existem vários Torés cantados no idioma indígena, que é uma comunicação direta entre nós e Deus. Os que são cantados na língua portuguesa, ajudam a passar nossas mensagens entre nós, indígenas, e também para os não-índios.

É importante lembrar que antes da invasão dos portugueses, havia bem mais de 1.000 etnias indígenas, mais de 1.000 línguas faladas, espalhadas pelo território que, hoje, conhecemos como Brasil. Para facilitar a invasão, os invasores aprenderam algumas línguas indígenas. A partir da língua tupinambá, os colonizadores criaram uma língua geral, comum a índios e não índios. Até hoje, usamos nomes de lugares, plantas, frutas e animais com origem tupinambá: Aracaju, abacaxi, caatinga, capim, cipó, ipê, mandioca, maracujá, piranha, tatu... Em 17 de agosto de 1758, a língua portuguesa se torna idioma oficial do Brasil, através de um decreto do Marquês do Pombal, que proíbe o uso de todas as línguas indígenas e da língua geral. Pombal ainda proibiu nossos nomes maternos e fomos obrigados a trocar para nomes portugueses.

TORÉ: "FITA VERDE"

Minha gente venha ver
Os caboclos como cantam
Com um laço de fita verde
Amarrado na garganta
You you lê lara
You lê lê lê lê arrieia aira

A fita amarrada na garganta, cantada no Toré, fala da repressão.

Segundo nossos antepassados, existiram índios que, rejeitando a troca de linguajar, passaram apenas a se comunicar através do Toré e, assim, passavam para seu povo os avisos e orientações sem que os invasores compreendessem. Mesmo diante de todo o desespero, o espírito divino que existe dentro de nós, enchia-nos de esperança e cantávamos como se tudo não passasse de um pesadelo terrível e, a cada amanhecer, cantávamos com mais entusiasmo e ainda mais esperança.

As letras que se encontram no texto do Toré são exploradas através de frases:

- Cantamos o Toré frase por frase;
- Exploramos palavra por palavra;
- Falamos sempre o nome de cada letra e o som da sílaba;
- Cantamos sempre o som da sílaba.

Educação Diferenciada Indígena

Para nossa educação ser diferenciada, nós, professores indígenas temos que nos conscientizar sobre sermos diferentes. Precisamos refletir sobre nosso modo de pensar para poder agir. Precisamos experimentar nossas ideias e procurar ter bastante firmeza na hora de passá-las para nossos alunos.
Para mim, o projeto Cantando as Culturas Indígenas nos fortalece e é uma oportunidade de mostrar ao mundo nossas ideias, sendo mais uma forma de colocá-las em prática.

TORÉ: "REYOU REYÁ"

Boa Noite meus Parentes! É por que chegou a hora!
Boa Noite meus Parentes! É por que não é nada!

Io Io Le laiá
Nós viemos de Aruanda
Heiahá, Heihi!

O Toré acima cantado representa a identidade do nosso povo. Ele é transmitido de geração em geração e, com orgulho de sermos Xucuru-Kariri, passamos a resistência para nossos descendentes.



TUMBALALÁ

Cecília Tumbalalá

A Educação Indígena possibilita uma relação entre escola, comunidade e a vida, trabalhando com um currículo desenvolvido a partir da realidade da aldeia.

Nossa educação está sendo pensada em conjunto, envolvendo educadores, alunos e comunidade, pensando assim, aplicar o material de "Cantando as Culturas Indígenas" como apoio pedagógico, partindo dos conhecimentos tradicionais associados aos de outras culturas semelhantes.

Envolvemos disciplinas e sistematizamos conteúdos como a geografia do local onde vivemos, clima e botânica, conhecendo, assim, os ciclos da natureza, fauna, flora, montanhas, rios e peixes.

Identificamos doenças através dos sintomas e conhecimentos históricos na nossa visão de índio.

Entendemos e explicamos remédios com ervas, bem como a origem do mundo, da sociedade e dos mitos que são passados de geração em geração.

Na matemática, aproveitamos para envolver cálculos baseados na agricultura local, a época da colheita, os frutos que são colhidos, a terra que é trabalhada e mensurada e, ainda, aplicamos o português a partir dos cantos tradicionais para ler, entender e produzir.

Tudo isso, a partir do entendimento da criança e da realidade do contexto indígena em que ela vive.

A Aldeia Tumbalalá está localizada no norte da Bahia em dois municípios: Abaré e Curaçá. O Toré é uma prática ritual da fé indígena, a fé em Deus, do respeito à natureza e amor ao próximo. Os cantos falam dos pássaros, da terra, da água, da natureza e dos nossos antepassados.

Temos fome de alimento espiritual e saciamos esta fome com os cantos e as danças do Toré.

O Toré é a nossa esperança e a esperança é a única que não morre, ela permanece viva, vira raiz. Eu vou morrer e a esperança continuará; não em mim, mas em quem fica e minha esperança é que a nossa voz ecoe para os filhos da nossa terra. Que nossa voz se espalhe e que os ventos a carreguem para os quatros cantos do mundo, servindo de alimento para o espírito. Assim como o alimento é para o corpo, o Toré é para nós: nos completa em corpo e alma.

Lembrando que tudo isso é apenas ponto de partida, o professor aprofunda sua ideia junto aos alunos, lideranças e comunidade e as reflexões devem ser acrescentadas a partir do entendimento das crianças e de sua realidade, ampliando seus novos conhecimentos de forma dinâmica e lúdica.

Caboco Que Não Tem Fé
Como Pode Trabalhar (Bis)
Tem O Arco Tem A Flecha
Na Hora De Trabalhar (Bis)
Tuxi, Tuxá Ô Tumbalalá
Tuxi, Tuxá Naçaõ Truká(Bis)

Refletindo e questionando sobre o Toré acima:
- Quais são os povos indígenas da Bahia?
- Como é a relação, hoje, dos povos Tuxá e Truká com o povo Tumbalalá?
- O que representa a união dos povos indígenas?

Este canto mostra a religiosidade, pondo a fé como aliada no trabalho Indígena e os adereços que o índio leva para o trabalho e usa no cotidiano.
- Qual o sentido que tem o Toré? O que é fé para você?
- O que representam o arco e a flecha?
- Que outros artefatos têm importância na nossa cultura?

Cadê meu maracá que eu quero trabalhar
Cadê meu maracá que eu quero trabalhar
Eu quero trabalhar na aldeia Tumbalalá
Eu quero trabalhar na aldeia Tumbalalá
Eu sou é um índio
Eu trabalho no ar
Eu sou é um índio
Eu trabalho no ar
Mais eu trabalho é na aldeia
De Tumbalalá
Eu trabalho é na aldeia
De Tumbalalá.

Com esse canto, trabalhado em sala de aula, podemos partir para novas reflexões:

- O que é ser índio?

- De que trabalho fala este canto?

- Qual trabalho fornece alimento para o corpo?

- Qual trabalho fornece alimento para o espírito?

Ser índio envolve toda uma tradição, historicamente, construída por um povo. A nossa cultura e o uso dela é uma forma de expressão e liberdade que se limita quando transpõe fronteiras criadas por uma sociedade cheia de preconceito e imposição ideológica, que avança em direção contrária aos nossos modos de vida.

Daí, a necessidade de uma educação escolar diferenciada, partindo do concreto conhecimento histórico milenar, ampliando para o abstrato, desconhecido, profundo, porém fundamental.

O que nos difere das demais culturas são os nossos costumes, nossa maneira de pensar e agir.

Essa pluralidade de mundo nos encaminha para o preparo de uma educação que ajude as crianças a se manterem na cultura viva e a descobrirem seu potencial dentro de sua comunidade e sua participação enquanto morador da Terra Mãe.

É importante lembrar que este livro está nos ajudando a incentivar o ensino diferenciado, motivando-nos a não nos entregarmos à sociedade capitalista e opressora. Graças à Deus, somos um povo resistente e forte. É através desta força que alcançaremos o que desejamos.

"Trupelar" é um chamado especial para os índios Tumbalalá. Se unir na aldeia e com o seu povo pelo bem comum. Através do canto do Toré nos fortalecemos como membros vivos de uma Nação. Vivemos nossas alegrias e agradecimentos nos cantos e nas danças, que fazem a ligação entre o homem e a natureza, passando uma mensagem de amor e respeito à nossa criação.
A aldeia é a nossa vida. Temos nela, não só o grão de terra, mas o céu, as estrelas, a lua, o sol, o vento, a água.

Tudo temos na nossa aldeia. Ela nos completa.
Sabemos que muita coisa mudou na aldeia e esta mudança custou vidas inocentes, porém, guerreiros fizeram e se fazem continuamente para manter forte nossa vontade de viver.
Não é possível falar em diversidade cultural e pluralidade sem respeitar e valorizar as diferentes formas de culturas que identificam um povo, uma nação.

Trupela, Trupela, Trupela, Trupela
Trupela, Meus Caboclos Na Aldeia
Na Aldeia, Na Aldeia, Na Aldeia
Na Aldeia, Meus Caboclos Na Aldeia
Na Aldeia Meus Caboclos Na Aldeia.

- Qual o sentido da palavra TRUPELAR para você?
- Como vivemos, hoje, na aldeia Tumbalalá?
- Como vivíamos antigamente?
- Qual o sentido do Toré para sua vida?

Passarinho Verde saia das matas

Passarinho Verde saia das matas

Saia das matas e vamos trabalhar

Vamos trabalhar na aldeia Tumbalalá

Na minha aldeia têm têm

Na minha aldeia têm têm

Têm *caboco* índio que trabalha bem

Têm *caboco* índio que trabalha bem

Têm, têm, têm, na minha aldeia têm têm

Quando no pé do Cruzeiro bebendo meu anjucá

Quando no pé do Cruzeiro bebendo meu anjucá

Oi quando eu pego na cabaça da ciência eu quero embalançar

Oi quando eu pego na cabaça da ciência eu quero embalançar

Adeus adeus adeus que eu me vou.

Adeus adeus adeus que eu me vou.

Eu vou pra minha aldeia meu *jardinho* de flôr

Eu vou pra minha aldeia meu *jardinho* de flôr

Naê, naê, naê, naê, naôa, naê, ê, não

Eu tava no meio das matas
Eu tava no meio das matas
Pra quê mandou me chamar
Pra quê mandou me chamar
Eu vim foi beber jurema
Eu vim foi beber jurema
Forgar mais meu velho Ká
Forgar mais meu velho Ká

Este canto não só fala das matas, mas do processo de invasão colonial, de catequese e de morte cultural. Esse canto é um apelo! Por que tiraram nossos costumes? Nós só queríamos nossos rituais e crenças!
A vegetação da Aldeia Tumbalalá é típica do clima semiárido. Na terra, existem várias espécies de plantas e cada uma tem sua função. Algumas plantas nativas vivem em harmonia com outras vindas de diferentes lugares, formando assim uma beleza especial!
O nosso ambiente natural é formado por animais, insetos e outros seres que sobrevivem das plantas que nos oferecem sombra, alimentos, paz e respeito. Tudo isso nos faz crer que a existência de Deus é real e profunda em nossas vidas.
Por isso, agradecemos pela água, pela sombra, pelo fruto, pela cura e pelo espírito de paz e respeito que temos pela natureza. Se cuidamos da natureza, cuidamos de nós mesmos, pois fazemos parte dela!

Então, pensando nos seguintes pontos a serem compartilhados:

- Qual mata nos pertence hoje?
- Como se encontra a questão territorial em nossa aldeia?
- Qual é a relação entre o homem e a natureza?
- Como se encontra o ambiente em que você vive? E a questão territorial do nosso povo?
- Qual espécie de fauna e flora de nossa área resistiu com o tempo e quais não resistiram?
- Quais foram e quem são os atuais guerreiros Tumbalalá?
- Como é feito o trabalho com a Jurema?

"Por muitas vezes, fomos obrigados a manter o silêncio da nossa voz e da pisada dos nossos pés e, hoje, rompemos o silêncio com a sonorização dos nossos maracás."

(Maria José Marinheiro).

PATAXÓ HÃHÃHÃE

Wilman e Paulo Pataxó HÃHÃHÃE

A cultura indígena deve ser preservada por tratar de um povo diferente que vem sofrendo muita influência da sociedade dominante local, regional e nacional. Portanto, juntamente com os meus alunos, pesquisamos com os anciões da comunidade, analisamos documentos, produzimos textos, indumentárias e músicas.

Desde 1500, a cultura do povo, hoje conhecido como Pataxó Hãhãhãe passa a ser marcada por pressões e muita violência partindo das elites dominantes.

Desde o início do séc. XX, quando o aldeamento foi forçado pelo SPI (Serviço de Proteção ao Índio), nossa organização social foi se desagregando e nossas vidas submetidas a normas burocráticas e administrativas do funcionamento do posto indígena. Apesar desse quadro de desestruturação sociocultural, que levou à perda da nossa língua e ao abandono forçado de muitas das nossas tradições culturais, tivemos força para lutar pela reafirmação e preservação do, aparentemente pouco, que existia da nossa cultura étnica e recuperação da nossa terra. Acreditamos, assim, buscar e não só garantir um espaço produtivo, mas, sobretudo, a recriação do nosso universo simbólico a partir da relação com a Mãe Terra.

Nós, Pataxó Hãhãhãe, depois de termos enfrentado diversos tipos de torturas, conseguimos retomar a preservação e reafirmação cultural para nosso povo. A partir da reocupação de nossas terras, em maio de 1982, tomamos amplo conhecimento das diferentes etnias que constitui o nosso povo e mesmo com tanto sofrimento, temos dado conta que compartilhamos da mesma história de vida!

Por isso, juntos com os meus alunos da 1ª, 2ª e 3ª série da Escola Estadual Indígena Caramuru, no município de Pau Brasil, resolvemos pesquisar, procurando melhor entender nossa história e assim ampliar os nossos conhecimentos para evitar o esquecimento da nossa história que é tão sofrida, mas muito valorosa para nosso povo.

Durante a execução deste projeto, desenvolvemos na prática pedagógica, várias atividades interessantes. Entrevistamos pessoas da comunidade, assistimos filmes referentes à cultura indígena, realizamos nosso ritual do Toré e para isso, fizemos pintura corporal, dançamos juntos e transformamos a sala de aula em um espaço cultural mesmo.

Procuramos o cacique, Gerson Souza Mello Pataxó, que nos forneceu as fitas de vídeos produzidas na comunidade e outras produções sobre a cultura indígena. Produzimos textos e confeccionamos artesanatos. Também recebemos visitas dos anciões na sala de aula, para conversar sobre o resgate do nosso idioma.

Essas atividades foram desenvolvidas objetivando melhorar a cada dia a minha prática pedagógica, ampliando cada vez mais os conhecimentos culturais da comunidade e dos meus alunos.

Com o tema "Preservação da Cultura", pretendo esclarecer a importância da sabedoria dos ancestrais usando a conscientização da cultura para nossa comunidade.

Tentando dizer que a cultura significa a identidade étnica desse povo, pois mesmo com os esforços mais recentes dos Pataxó Hãhãhãe, a cultura continua sendo pouco conhecida e são poucos os conceitos vinculados a esse respeito.

Portanto, espero que a escola realize um papel fundamental na formação de nosso povo para que a comunidade possa colaborar para a construção de uma sociedade pluriétnica e pluricultural, capaz de respeitar e conviver com diferentes normas e valores.

- Porque preservar a cultura indígena?
- O que fazer para preservar a cultura indígena?
- O que pode acontecer ao povo indígena sem a prática da sua cultura?
- Em que o povo Pataxó Hãhãhãe vai se beneficiar com este projeto?

Na sala, eu trabalho de acordo com o português, a matemática, a história, a geografia e ciências.
Trabalhamos com cânticos indígenas usando a língua portuguesa, da seguinte forma:
- Na música "Se eu estiver na minha aldeia brincando com maracá" temos três frases que dão início às que vem em seguida: ITOHÃ, BEKOÍ, HANGOHO, MANGUTXAI. HÃMANGUÍ, BAWAÍ, PUHUÍ E KAPTXUAÍ.
Eu escrevo no quadro, com giz, para meus alunos e eles copiam nos cadernos deixando um espaço ao lado da palavra para escrever a tradução em português.

Exemplos:
ITOHÃ Céu,
BEKOÍ Sol,
HANGOHO Lua,
MANGUTXAI Estrela,
HÃMANGUÍ Mato,
BAWAÍ Pedra,
PUHUÍ Arco e Flecha,
KAPTXUAÍ Panela.

O mesmo assunto pode servir de modelo para as outras matérias de estudo. Vamos para Ciências: depois de escrita a tradução em português, eu peço que os alunos prestem muita atenção em cada palavra da tradução em português, que teria relação com Ciências. Em seguida, eu lembro que as palavras Céu, Lua, Estrela e Sol têm a ver com Ciências porque foi obra criada por Deus, e que é uma Ciência que só Deus pode desvendar.

Já na Geografia, eu mostro para os alunos, que as palavras BAWAÍ, HÃMANGUÍ, PUHUÍ e KAPTXUAÍ, são obras da natureza e fazem parte do relevo.

Eu começo com HÃMANGUÍ perguntando e eles respondem dizendo que é Mato. Em seguida, eu digo que a resposta está correta. Dando para eles o exemplo, digo que o mato nasce na terra e que o mesmo brota no solo.

O arco e a flecha são feitos de madeira de lei e que, por sua vez, a madeira é da natureza vegetal da Terra. E assim a pedra, a panela são diferentes, mas não deixam de fazer parte da Terra. A terra e os minerais fazem parte da Geografia.

Em História, eu trabalho com eles mostrando como foi que as palavras indígenas estudadas anteriormente foram criadas e por quem foram criadas e quem falava aquele dialeto e o porquê. A importância daquelas palavras e porque, hoje no século XXI, temos que estudar a cultura indígena. Então, junto com meus alunos, eu resumo para eles todos os assuntos dados na sala de aula.

Os artefatos como a maraca (instrumento musical), a tanga, o colar, o cocar, a borduna, o cachimbo, a pintura corporal, o arco e a flecha são todos instrumentos muito importantes na nossa comunidade, pois eles trazem para o nosso povo o fortalecimento da nossa luta e cultura tradicional.

Já para estudar Matemática, eu peço que todos juntos contem quantas letras têm nas palavras indígenas e nas portuguesas. Depois de tudo, eu verifico o caderno de cada aluno e avalio a escrita e a leitura de cada um, acompanhando o seu desenvolvimento e aprendizagem.

Todos adoram essa forma de estudar a nossa cultura!

Pode ser que existam outras maneiras mais fáceis de se trabalhar, mas como professor, não estaria ali só para ensinar e, sim, para aprender também junto com os alunos.
Estou ali para poder enxergar o quanto existem coisas muito boas e cheias de mistérios.

Canto de abertura e fechamento

Na minha aldeia tem
Belezas encantadas!
Eu tenho arco, eu tenho a flecha,
Eu tenho raiz para curar!
Viva Jesus! Viva Jesus!
Viva Jesus, que nos veio trazer a luz

Tihí Pataxó Hã-Hã-Hãe hameá no hamanguí
Tihí Pataxó Hã-Hã-Hãe hameá no hamanguí
Com puhui apexê e maracá
Com puhui apexê e maracá
Hameá Pataxó no hamanguí
Hameá Pataxó no hamanguí

Eu sento na bawai e peço força a Tupã
Eu sento na bawai e peço força a Tupã
Ô Tupã no Itorã que dá força aos Hã-Hã-Hãe
Ô Tupã no Itorã que dá força aos Hã-Hã-Hãe
Para meu Abekoi brilhar junto com Bekoi
Para meu Abekoi brilhar junto com Bekoi
Ô Tupã no Itorã que dá força aos Hã-Hã-Hãe
Ô Tupã no Itorã que dá força aos Hã-Hã-Hãe

A saia é de *paia*, capacete é de penacho
A saia é de *paia*, capacete é de penacho
Borduna arco e flecha nossa arma de lutar
Borduna arco e flecha nossa arma de lutar
Com o rosto pintado, maracá na mão
Com o rosto pintado, maracá na mão
Nós vai a nossa luta com Tupã no coração
Nós vai a nossa luta com Tupã no coração
Nós pisa aqui, pisa ali, pisa acolá.
Nós pisa aqui, pisa ali, pisa acolá.
Nós chegou foi com Tupã, com Tupã nos chega lá
Nós chegou foi com Tupã, com Tupã nos chega lá

Meu papagaio seu canto é bonito que veio tão lindo do lado de lá
Meu papagaio seu canto é bonito que veio tão lindo do lado de lá
Pisa, pisa quero ver pisar. Terreiro dos índios de Ororubá
Pisa, pisa quero ver pisar. Terreiro dos índios de Ororubá

História do Toré feito por Bawaí(Wilman)

O canto do Toré "Eu sento na Bawai" foi quando ainda participava do Curso Magistério Indígena da Bahia.
Hoje, por ser uma professora indígena nativa desta aldeia, todos valorizam e cantam este Toré na comunidade.
O outro "Tihis Pataxó Hãhãhãe hameá no Hamangui" também foi criado por mim quando estava fazendo o curso Pró-Formação em Itabuna e tive um sonho. Este sonho trouxe para mim o conhecimento deste Toré que não saiu da minha memória um só segundo, trazendo força para o estudo que estava participando naquele momento.
Hoje, passo para os meus filhos e alunos da minha sala de aula o valor e o conhecimento que cada Toré traz para nós indígenas.

COMO TRABALHAR ESTES TORÉ NAS SALAS DE AULAS:

Português: copiamos o Toré como um pequeno texto e exploramos dele a leitura e a escrita.
Matemática: as datas, os números de sílabas de cada palavra.
Arte: os desenhos dos objetos que aparecem no cântico.
Cultura: danças, cânticos e a pinturas usadas.
História: a história deste Toré, como quem canta, quem fez e por que fez.
Ciências: exploramos os astros e os seres vivos da natureza.
Geografia: o espaço.

Traduções:

Bawaí = pedra
Tupã = Deus
Itohã = céu
Hã-Hã-Hãe = povos juntos
Apekoí = corpo
Bekoí = sol

Tihí = índios
Pataxó = etnia indígena
Hameia = dança indígena
Hamanguim = mato
Puhuí = arco
Atexe = flecha
Maracá = instrumento indígena

Com o desenvolvimento deste projeto, o povo Pataxó Hãhãhãe mostra parte da sua cultura, os conhecimentos vivos na aldeia e na escola, permanecendo entre a comunidade, passando pelo processo de transmissão e perpetuação.

Preservamos a nossa cultura, pois ela é a nossa verdadeira identidade. Através da cultura, somos respeitados como povo etnicamente diferente.

Para preservar a nossa cultura devemos conhecer, dominar e valorizar a história da aldeia, a prática dos rituais, usando nossas roupas, pinturas, comidas típicas e artesanatos.

Objetivamos passar para nossos filhos e netos todos os valores materiais e espirituais.
Sem a preservação da nossa cultura deixaremos de ser um povo etnicamente diferente e passaremos a ser um povo sem cultura e sem valores.

Portanto, este trabalho contribuiu para conscientizar todos da comunidade sobre o valor da nossa cultura.

A partir desse projeto, irei mudar a minha prática pedagógica e desenvolverei outros temas referentes ao meu povo.

Tupinambá de Olivença

Nádia Akauã
coma participação de Pedrísia Damásio

Nós, Tupinambá de Olivença, somos habitantes nativos da região Sul da Bahia e vivemos entre os municípios de Ilhéus, Una e Buerarema.
Na nossa organização, atualmente, temos treze caciques.
Trabalhamos, hoje, na área da saúde, com vinte e oito indígenas contratados como agentes de saúde e seis voluntários junto à equipe médica da SESAI, antiga FUNASA.
Somos, aproximadamente, noventa professores, um mil e trinta alunos matriculados nesta escola, uma diretora e dois vice-diretores que atuam na sede de Sapucaieira e mais 23 comunidades, onde também tem salas-núcleos dessa sede.
Buscamos nossos direitos garantidos na constituição de 1988: terra, saúde e educação.
Vivemos em um dos litorais mais bonitos da Bahia e ainda mantemos a cultura, apesar de tantos massacres e discriminação dos brancos.
Somos um povo alegre, trabalhador, guerreiro e, por isso, cantamos e dançamos o Porancy, ritual que nos fortalece e nos mantém em comunicação com Tupã e os Encantados.
No ritual, invocamos os elementos da natureza como a LUA - em tupi, JACY.

CANTO À LUA (primeira parte)

Jacy ae aende jacy.
Mba epe moindy iande taba
Tupã our tym. Isape iandé taba

Tradução:

Jacy é a nossa lua.
Que clareia a nossa aldeia
Tupã venha *ramiá*, iluminar a nossa aldeia.

Quando a gente canta Jacy e Tupã, tocamos no coração de nosso povo, saudando à Lua e a Deus. Abrimos nossos braços e agradecemos pela colheita, pela pesca, pela água que bebemos e pelas plantas que curam nosso povo. Até hoje, vivemos a nossa tradição com os mais velhos, como a celebração do Porancy. Celebramos também a Festa do Divino Espírito Santo em Junho, a Puxada do Mastro de São Sebastião na primeira semana de Janeiro e o Hasteamento do Mastro no dia 20 de Janeiro.

CANTO À LUA (segunda parte)

Ixé asó xe si Jacy
Touri peti bõ
ixé asó xé ubi Tupã
pe iandê taba by

Tradução:

Eu vou pedir à minha mãe Jacy
Que ela venha nos ajudar
Eu vou pedir a meu pai Tupã
Pra nossa aldeia se levantar

CANTO PELA TERRA (autoria de Valdinete, professora de Cultura)

"Devolva nossa terra que essa terra nos pertence. (BIS)
Pois mataram e ensangüentaram os nossos pobres parentes." (BIS)

Esta é a letra de um dos primeiros cantos criados para a Caminhada Tupinambá, que fazemos em memória de nossos mártires desde 2000, no último domingo do mês de Setembro. Convidamos todos a refletirem, juntos, sobre a importância da luta pela terra e os cuidados que precisamos ter como verdadeiros guardiões da fauna e da flora e de todo ser vivo nesse chão sagrado, nosso Território Tupinambá. A caminhada é, para nós, um dos momentos mais fortes de reflexão, através do qual, além de fazer memória, conseguimos aglomerar várias pessoas em uma grande participação da sociedade civil e de organizações governamentais e não-governamentais.

Fazemos também um trabalho de conscientização nas escolas públicas e particulares da região, onde falamos sobre a cultura Tupinambá e envolvemos os alunos em campanhas solidárias para arrecadar alimentos não perecíveis e livros didáticos para a nossa biblioteca.
Assim, informamos a sociedade sobre a nossa história socializando esse momento, que nos lembra uma época de massacres e genocídios. Pedimos, ao longo da caminhada para que não haja mais impunidades dessa natureza, envolvendo a vida humana.

A Caminhada é de seis km, de Olivença ao Rio Cururupe. No trajeto, relembramos o massacre que ficou conhecido como a Revolta dos Nadadores, pois essa distância de seis km equivale a uma légua de corpos dos parentes estendidos na areia da praia, que morreram ao tentarem fugir do massacre comandado pelo Governador Geral do Brasil - Mem de Sá, em 1560.

Sabemos que desde 1500, os povos indígenas sofrem pela questão da terra. Aos poucos, fomos perdendo nosso território para os portugueses e outros europeus que foram se instalando por aqui.

A terra não era de uma única pessoa, a terra era de todos. Os índios tinham liberdade de plantar em qualquer lugar, podiam pescar, viver onde queriam, extrair da terra tudo que desejassem sem dar satisfação à ninguém. Depois que se criou o documento foi que perdemos nosso território. Hoje, tem muito índio que não tem terra e vive em condições precárias.

Devemos nos unir nessa luta para que nossa terra seja devolvida para nós, índios, os verdadeiros donos desse país.

Nós, Tupinambá de Olivença, vivemos numa área com 70% de mata atlântica e o fato dessa região ser rica em recursos minerais e hídricos, dificulta o processo pela luta por nosso território que ainda não foi demarcado.

A situação fundiária encontra-se da seguinte forma: o relatório das contestações foi despachado pelo presidente da FUNAI em janeiro de 2012 para o Ministério da Justiça, onde aguarda a assinatura da Portaria Declaratória do Ministro para fazer a Demarcação da Terra.

Enquanto isso, ficamos sem liberdade de ir e vir, já que estamos cercados de fazendeiros - um grupo de pequenos agricultores aliados a latifundiários corruptos e envolvidos com políticos da região.

Por isso, estamos firmes na cultura buscando nos fortalecer cada vez mais, enquanto povo que tem sua cultura diferenciada. Praticamos sempre nosso Ritual Sagrado e reivindicamos a demarcação do nosso território que é de sete léguas em quadra, incluindo quase trinta comunidades localizadas entre Ilhéus, Una e Buerarema, conhecidas pelos seguintes nomes: Cururupe, Parque de Olivença, Olivença, Pixixica, Cururutinga, Serra Negra, Serra do Ronca, Curupitanga, Campo de São Pedro, Sapucaieira, Ribeira, Santana, Santaninha, Serra das Trempes, Águas de Olivença, Acuípe do Meio, Acuípe de Cima, Acuípe de Baixo, Mamão, Cajueiro, Maruin, Lagoa do Mabaço, Praia dos Lençóis, Gravatá, Serra do Serrote, Serra do Padeiro, Praia de Batuba, Tororomba, Praia do Cai N'água e o Mangue do Caranguejo, ameaçado de extinção, além de outros mangues. Hoje, somos mais de 7.000 índios e índias vivendo nas comunidades citadas.

Nós também trabalhamos o momento da Caminhada na sala de aula. A terra é uma das reflexões na Caminhada em Memória dos Mártires e essa reflexão é voltada para uma metodologia diferenciada na qual os alunos criam novas músicas e ilustram textos que falam da nossa história e dos massacres. É o momento de ajudá-los a compreender melhor. Até hoje, muitos ainda não tem coragem de assumir que são Tupinambá. Ajudamos a perceberem a importância de se apresentarem como índios, pois temos direitos garantidos na constituição. E além de assumir o "ser índio", devemos também passar essa cultura de geração em geração.

CANTO DA MARÉ

Maré encheu tornou vazar
De longe muito longe eu avistei Ará
Minha palhoça coberta de sapé
Meu arco minha flecha minha cabaça de mé

O canto se refere à ligação do povo Tupinambá com o mar, à praia e o respeito que temos que ter com tudo feito por Tupã. Uma das maiores criações foi o mar, pois do mar, fonte de vida, é de onde tiramos o alimento como o peixe, o marisco e as conchas para fazer artesanato. Os mais velhos dizem que a música foi feita quando eles estavam mariscando nas pedras de Olivença.

A música é um canto de trabalho na beira da praia. Toda vez que a maré enchia e vazava, eles iam mariscar com amor e prazer para garantir o alimento. Eles ainda falam que o mar não só dá o alimento, mas também quando o parente está se sentindo mal, está com a natureza amarrada, triste, era só chegar perto dele quando o sol estivesse saindo pela manhã ou pela tarde, ao se pôr, e ter fé em Tupã.

Minha mãe me ensinou uma oração
antes de entrar no mar :

SAUDAÇÃO AO MAR
Mar saudoso, mar sagrado
Vim te visitar
Trouxe muitas doenças
Saúde quero levar

Dessa forma, acreditamos que o mar tem uma grande influência em nossa vida. Com sua riqueza e mistério, mesmo distantes, não deixamos de ter uma ligação. Os mais velhos também dizem que na maré da vazante devemos dar três mergulhos em três ondas, uma atrás da outra.

MÚSICA PARA O RITUAL NO INÍCIO DA AULA

(autoria : Ivanildo, aluno de Pedrísia, na época com 5 anos)

Tem um munzuá pra mim olhar
Tenho o munzuá pra mim olhar
Eu olhei tava cheio de pya
Eu olhei tava cheio de pya

Esta música inspira dias melhores, pois quando pequeno, sempre que a mãe e o pai iam pescar, traziam munzuá (instrumento de pesca) cheio de poti (camarão) e pya (peixe).

Segundo a professora, este canto foi criado por um curumim (menino) Tupinambá diante da dificuldade que ele estava passando naquele momento. O canto mostra a responsabilidade de ter que olhar o munzuá que o irmão dele mais velho tinha feito e colocado no rio, e ele logo de manhã foi ver se tinha ou não peixe. E diante de tantos problemas que eles viviam, naquele dia foi diferente.

- Está cheio de peixe! Gritou o menino.
Ele estava feliz e criou a letra e a música deste canto para a professora Pedrísia e apresentou no Porancim de abertura da aula. A professora já tinha dito que pya era peixe e, lembrando, Ivanildo fez a música.

Hoje, nossas comunidades vivem realidades muito diferentes do passado: os rios estão poluídos, não há mais peixes nem camarão em abundância, e algumas comunidades estão afastadas do litoral por causa dos massacres e invasões, tendo que viver longe dos rios e do mar com dificuldade de água limpa. Onde tem água, na maioria das vezes, já foi poluída com agrotóxicos pelos fazendeiros que dominam a maior parte do território indígena.

Quando uma criança consegue fazer uma música com um sentido tão forte, na realidade, ela está desabafando em seu canto, no seu jeito simples e, de uma certa forma, transmitindo a esperança de um futuro melhor.

MÚSICA CRIADA PARA A CELEBRAÇÃO

Tupinamba abe coab

m'quatiá m' baé mopy atã

baé m'quatiá m'quatiá caturupi

emi pioré icobé iandé mujujucá pepi

(autoria: Núbia Tupinambá, coordenadora pedagógica na época /2003)

Tradução

Tupinambá também conhece

A palavra que fortalece

Que palavra é essa? É a palavra de fé

Que a nossa vida nos mantém de pé

CANTO DA LUTA PELA TERRA

(autoria: D. Alícia – anciã, esposa do Cacique Alício)

Quando eu chego em Olivença pra lutar por nossa terra
Encontrei os meus parentes todo em ponto de guerra (BIS)
Eu tenho arco, tenho flecha e maracá!
Tenho todos meus parentes na aldeia Tupinambá! (BIS)

Este é um canto de luta, força, emoção e de reivindicação. Quando cantamos essa música, nos lembramos que já são mais de 500 anos de luta e a única vontade que temos é de ver todos os territórios indígenas demarcados.

Antes de nós, nossos ancestrais já tiveram uma luta bastante difícil para permanecer na terra. E diante desse sofrimento, o índio olha e lembra que antes não tinha cerca nem muro como tem hoje.

Tiraram o direito do índio de permanecer na área onde sempre habitou e querem botar o nativo o mais distante possível do conhecimento, que é para o índio ser sempre manipulado.

Parte da nossa identidade foi violada e ainda querem nos tirar o pouco que nos resta, que é nossa cultura, o direito de ser o que somos e até o direito da terra.

Além de termos que falar e estudar o português, que é a língua imposta no Brasil, nós índios, queremos falar nosso idioma nativo.

Nossa educação vem tomando forma diferenciada e tem três fortes objetivos: ser bilíngue, comunitária e fortalecer a cultura indígena.

Tupinambá é hoje um povo que se ergue e a cada dia que passa vem mostrando a sua cultura que se fortalece no Porancy, na luta pela terra e através da educação.

Vimos que o canto nos dá força e união. O canto de um povo que sabe o que é ser livre.

www.indiosonline.net



Para quem quiser acompanhar as informações e opiniões dos indígenas.

www.indioeduca.org



Para quem precisar de subsídio para aprender sobre a História e as Culturas Indígenas.

www.risada.org



Para quem quiser comprar, vender ou trocar artesanato indígena.

www.thydewa.org/downloads



Para quem quiser conhecer a coleção de livros: "Índios na Visão dos Índios".

Presidência da República

Ministério da Educação

Secretaria Executiva

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão

Diretoria de Políticas para Educação do Campo e Diversidade

Universidade Federal de Minas Gerais

Reitor: Clélio Campolina Diniz

Vice-Reitora: Rocksane de Carvalho Norton

Faculdade de Letras

Diretor: Luiz Francisco Dias

Vice-Diretora: Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet

Núcleo Transdisciplinar de Pesquisas Literaterras

Coordenadora: Maria Inês de Almeida

Realização: ONG Thydêwá

Coordenação: Sebastián Gerlic

Consultoria: Gabi de Mello

Desenho Artístico: Helder Câmara Jr

Remasterização de áudio: Tais Nader

Produção: TAO, Potyra Tê Tupinambá e Karine Pereira dos Santos

PE

Pankararu

Tumbalalá

Xucuru-Kariri

Kariri-Xocó

AL

Cantando as Culturas indígenas

BA

Pataxó-Hãhãhãe

Tupinambá

Realização:

THYDÊWÁ

Apoio:

ESPERANÇA DA TERRA
PONTÃO DE MÍDIA LIVRE

CULTURA VIVA

LITERATERRAS
ESCRITA, LEITURA, TRADUÇÕES

FALE
FACULDADE DE LETRAS

Patrocínio:

Ministério da Educação

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA